



Livre-arbítrio e Determinismo

possui realmente o ser humano liberdade?

- Esta questão atravessa a história do pensamento filosófico ocidental como uma questão crucial para a compreensão do que é o humano.
- No entanto, quase nunca se enfrentou este problema de uma forma directa, em que se começasse por perguntar pelo que **seja** a liberdade humana. Em vez desta, a pergunta que mais acompanhou a história do problema foi a que expressava uma dúvida sobre se **existe** tal liberdade.

cepticismo sobre a existência de liberdade

- É, pois, sob a forma de um cepticismo que chega a ser problematizada e interrogada uma pré-compreensão do que possa ser o livre-arbítrio.
- As razões para o cepticismo têm partido de uma suspeita, tão antiga quanto a crença no livre-arbítrio, de que a vida humana é comandada por algum tipo de determinismo. Já entre os gregos, as nossas vontades nada podiam contra os fios de destino que as Μοιραί teciam.

três determinismos

- Determinismo teológico
 - Determinismo lógico
 - Determinismo causal
-
- abordaremos apenas o determinismo causal, pelo que doravante todas as referências ao determinismo visarão apenas o determinismo causal.

compatibilismo e incompatibilismo

- Quando se debate a compatibilidade do livre-arbítrio com o determinismo (causal), há duas tomadas de posição gerais sobre o problema:
 - Uma delas diz que não há realmente problema nenhum entre determinismo e existência de livre-arbítrio (**compatibilismo**)
 - a outra defende que não é possível ambos, o determinismo causal e o livre-arbítrio, serem verdadeiros (**incompatibilismo**).

tipos de incompatibilismo

- **Determinismo radical:** posição incompatibilista que sustenta ainda que o determinismo é verdadeiro e que, por isso, o livre-arbítrio só pode ser falso.
- **Libertarismo:** posição incompatibilista que sustenta ainda que o livre-arbítrio é verdadeiro e que, por isso, o determinismo só pode ser falso.
- **Agnosticismo quanto ao determinismo*:** posição incompatibilista que não toma partido sobre qual dos dois, determinismo ou livre-arbítrio, é verdadeiro.

tipos de compatibilismo

– **Determinismo moderado:** posição compatibilista que sustenta ainda que o determinismo e livre-arbítrio só ambos verdadeiros.

– **Agnosticismo radical*:** posição compatibilista que não toma posição sobre os valores de verdade do determinismo e do livre-arbítrio, nem sequer estabelece nenhuma relação entre os valores de verdade de ambos.

(assinalo com asterisco as designações que proponho sem estarem consagradas na literatura)

E quanto ao indeterminismo?

- Apesar da preeminência do problema da compatibilidade, ou não, entre livre-arbítrio e determinismo, haveria que fazer notar a utilidade de identificar também as possibilidades de compatibilidade, ou não, do livre-arbítrio com o indeterminismo causal.

O PROBLEMA DA COMPATIBILIDADE DO LIVRE-ARBÍTRIO COM O INDETERMINISMO

POSICIONAMENTOS GERAIS	POSICIONAMENTOS POSSÍVEIS	DESCRIÇÃO DA POSIÇÃO
Incompatibilismo	Indeterminismo radical	O livre-arbítrio é falso e o indeterminismo é verdadeiro
	Libertarismo de segundo tipo	O indeterminismo é falso e o livre-arbítrio é verdadeiro
	Agnosticismo quanto ao indeterminismo	Indeterminismo e livre-arbítrio não podem ter o mesmo valor de verdade
Compatibilismo	Indeterminismo moderado	Indeterminismo e livre-arbítrio são ambos verdadeiros
	Agnosticismo radical	Discussão irrelevante

o que está em jogo?

Está em jogo uma interrogação não tanto, ou não apenas, sobre se o livre-arbítrio **existe**, mas sobre a **concepção de livre-arbítrio que temos em mente**, a ideia portanto do que ele seja ou possa ser.

duas concepções de livre-arbítrio

Se excluirmos, das 9 posições que identificámos, as que tomam partido pela inexistência de livre-arbítrio (Determinismo e indeterminismo radicais) e as que não tomam partido de todo (os três agnosticismos apontados), restam dois entendimentos gerais sobre o que seja o livre-arbítrio nas suas relações com o determinismo e o indeterminismo.

- **Concepção indeterminista do livre-arbítrio**, que alia o indeterminismo moderado ao libertarismo.
- **Concepção determinista do livre-arbítrio**, que alia o determinismo moderado ao libertarismo de segundo tipo.

o grande problema

Prévio ao problema da compatibilidade, ou não, do livre-arbítrio com o determinismo e com o indeterminismo, o grande problema está na **incompatibilidade entre duas concepções de livre-arbítrio entre si contraditórias.**

liberdade de vontade e liberdade de acção

- Há circunstâncias em que à liberdade da vontade não é feita corresponder uma liberdade de acção – por exemplo, a circunstância infeliz de um prisioneiro na sua cela.
- E há circunstâncias em que à liberdade de acção não corresponde um genuíno livre-arbítrio – por exemplo, situações de hipnotismo ou sonambulismo, em que uma pessoa age sem conhecimento da sua vontade, mas também situações em que uma dada vontade domina o sujeito, sem que este a consiga controlar, como sucede com distúrbios psicopatológicos como o da cleptomania.

a solução proposta pelo compatibilismo clássico

Tanto em John Locke, como em Thomas Hobbes e David Hume, há o mesmo esquema geral de uma concepção determinista da liberdade, que “empurra” a liberdade para o plano da acção, num sentido próximo de uma liberdade de movimentos.

Para a formação da vontade que precede a acção, defende-se um entendimento determinista que exclui qualquer ideia de liberdade.

Em síntese, o compatibilismo clássico resolve, no essencial, o problema do livre-arbítrio retirando todo o significado à ideia de uma liberdade da vontade.

argumento do quarto trancado

«Suponhamos que um homem é levado para uma sala – enquanto dorme profundamente – onde está □ uma pessoa que ele deseja ver e com quem deseja falar, ficando aí fechado. Acorda e fica feliz por se encontrar com tão desejada companhia, e prefere aí permanecer a ir embora. Eu pergunto: esta permanência não será voluntária? Acho que ninguém duvidar´ disso: e, contudo, estando fechado, é evidente que não é livre para não ficar, pois não pode sair.»

(Locke, Ensaio..., XXI, 10)

para lá da acção livre, a vontade livre

A liberdade de vontade que um sujeito pode perder equivale ao seu poder “de parar ou suspender” uma vontade por efeito de outras vontades suas, que lhe fizessem oposição.

A compulsão ou o constrangimento volitivo é uma violência sobre a convivialidade das vontades num sujeito, normalmente capaz de as pesar e contrapesar no processo de formação da vontade.

Uma vontade não livre é uma vontade que se impõe sem se envolver nesse processo de formação de vontade e, por isso mesmo, exclui todas as outras vontades do sujeito. O resultado é uma vontade que se impõe ao sujeito contra as vontades do próprio sujeito.

argumentos a favor do incompatibilismo

Argumento clássico: um genuíno livre-arbítrio exigiria que, caso nos fosse possível viajar no tempo e repetir exactamente uma mesma circunstância passada, a vontade formada pudesse ter sido outra.

Argumento da fonte: uma pessoa só possa ser tida por responsável pelos seus actos se for a sua fonte última

Argumento da consequência: Não temos qualquer poder sobre os factos do futuro, pois o futuro que vier a acontecer é uma consequência necessária do passado e de leis causais que não escolhemos.

a grande questão, de novo

Estes três argumentos não são simplesmente a favor do incompatibilismo. São, antes de mais, a favor de um entendimento indeterminista do livre-arbítrio. É possível vencê-los a partir de uma outra maneira de conceber o livre-arbítrio?

resposta ao arg. clássico

A introdução de uma ligeira modificação na expectativa sobre o que seja uma vontade livre assegura a compatibilização com o determinismo:

Em vez de se afirmar que a liberdade da vontade implica que o sujeito, tendo agido de dada maneira, poderia, exactamente nas mesmas circunstâncias, ter agido de maneira diferente, afirmar-se-á que a mesma pessoa poderia ter agido de maneira diferente sim, mas **apenas caso o tivesse querido.**

«Existem muitas razões para pensarmos que, quando se diz que poderíamos ter feito algo que não fizemos, queremos muitas vezes dizer apenas que deveríamos tê-lo feito, se tivéssemos querido. Se assim é, será então verdade que, nesse sentido, realmente podíamos ter feito o que não fizemos, facto que não contradiz o princípio de que tudo tem uma causa.»

(GE Moore, *Principia Ethica*)

argumentos científicos

Um estado psicológico pode ser realizado por estados físicos diferentes. Do que se segue a possibilidade de a esses estados físicos se seguirem sequências causais diferentes, apesar de psicologicamente se tratar do mesmo estado.

há hoje também forte evidência no campo das neurociências de que os processos cerebrais dispõem de uma elevada sensibilidade às condições iniciais, com imperceptíveis diferenças iniciais a resultarem causalmente em efeitos muito diferentes, o que faz com que a possibilidade de um mesmo estado psicológico originar diferentes sequências causais seja algo muito provável.

argumento da experiência efectiva de vontade livre

A experiência que cada pessoa tem de si como vontade livre se baseie na experiência efectiva de repetição de circunstâncias similares que, no entanto, conduziram à formação de vontades diferentes.

Quer isto dizer que o conhecimento mais próprio e directo que dispomos das nossas próprias vontades serem livres é uma experiência baseada na comparação com vivências passadas e não uma projecção imaginária de um curso alternativo de acontecimentos, por princípio vedado à experiência das pessoas, pelo menos até se descobrir como viajar no tempo.

o que está mal com o arg. da consequência?

Há **um uso ambíguo da expressão “ter poder”**:

As pessoas não têm poder sobre os factos do passado no sentido em que não podem estar numa relação causalmente apropriada com factos que as precederam, mas as pessoas até têm esse poder sobre os factos futuros, pois podem estar na relação causal apropriada com factos futuros, ainda que não disponham do poder de determinar causalmente um futuro diferente daquele que de facto determinam.

O Fatalismo incorre na mesma ambiguidade

Fatalismo implica uma certa expectativa de que todos, ou quase todos, os acontecimentos do mundo sejam fatalidades: o que tiver de acontecer acabará por acontecer, faça-se o que se fizer.

Por isso, faz sentido que o fatalista desvalorize a acção, tão poucos são os resultados que dela pode esperar.

A conclusão fatalista coincide com a conclusão de impotência do argumento da consequência.

Mas a verdade é que nem tudo o que acontece no mundo é, no sentido apropriado, uma fatalidade.

Mesmo sob o mais estrito determinismo, nem todo o futuro é uma questão encerrada.